

As novenas de maio na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, em uma perspectiva folkcomunicacional

*Wolfgang Teske*¹

RESUMO

O presente artigo visa contribuir para uma reflexão sobre os rituais, símbolos e rede de significados de uma das manifestações culturais de cunho religioso da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO. As Novenas de Maio ou Festa dos Solteiros, revela que se trata de um processo folkcomunicacional. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo, com base em uma metodologia transversal, histórica-antropológica e da Folkcomunicação.

PALAVRAS-CHAVES

Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO; Manifestações culturais; Folkcomunicação.

Novenas of May and June in the the quilombola community Lagoa da Pedra, Arraias-TO, in a folkcomunicational perspective

ABSTRACT

This article aims to contribute to a reflection on the rituals, symbols and meanings network of one of the cultural events of a religious nature of the Community Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO. The religious ceremonies May or Feast of Singles reveals that it is a folkcomunicational process. This work is the result of a field survey, based on a cross-methodology, historical-anthropological and folk communication.

KEY-WORDS

¹ Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins; Graduado em Comunicação Social/Jornalismo e em Teologia; Mestre em Ciências do Ambiente/Cultura e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins e Doutorando em Ciências do Ambiente/Natureza, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins. professorsteskeuft@gmail.com

Quilombo Community Lagoa da Pedra, Arraias-TO; Cultural manifestations; Folk communication.

Introdução

O presente estudo é resultado de uma parte das pesquisas que venho realizando na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, nesta última década. Todo o contexto das pesquisas vem ocorrendo de forma inter, multi e transdisciplinar, tendo como eixos norteadores as Ciências do Ambiente, focadas nas questões de ligação entre a natureza, cultura e sociedade e a Folkcomunicação, tornando-se um estudo pioneiro neste exercício de ligar estas duas áreas do conhecimento.

Ao se abordar um tema como religiosidade e sua importância para o mundo moderno, pautado em um sistema capitalista, que tem o firme propósito de submeter tanto a cultura quanto a natureza à lógica do capital, se evidencia uma clara quebra de resistência das comunidades que as vivenciam. Leff (2007, p. 29) denomina isto de neoliberalismo ambiental. Portanto, obrigatoriamente, temos que refletir sobre a importância da preservação e promoção das culturas.

Ao se utilizar o termo comunidades, estamos nos referindo às comunidades tradicionais, para distinguir do termo sociedades. Em recente artigo publicado por Gawora (2016), pesquisador alemão que se dedica a estudar comunidades tradicionais no Brasil, ele afirma que os indivíduos que fazem parte deste tipo de organização coletiva, não procuram os seus interesses pessoais, mas estes, sempre estão inseridos nos interesses coletivos visando um bem comum e que possam contribuir para o sucesso de todos.

Nessa conjuntura, torna-se premente e cada vez mais urgente que se discuta a mudança de conceitos ao se tratar das questões do meio ambiente, “[...] pautadas em uma humanidade ético-solidária e harmônica com o meio natural” (CASTRO, 2003, p. 22). Conforme assevera Sachs (2000), a biodiversidade e a diversidade cultural são facetas de um mesmo problema, tornando-se a cultura um mediador entre a sociedade e a natureza.

Este tipo de análise em pesquisas científicas se insere na mudança paradigmática das ciências, que são acompanhadas de novos instrumentos, novos olhares e novas direções (TESKE, 2011, p. 4). Ou como assevera Kuhn (2001) é uma mudança no e do olhar. Isto gera uma mudança

de pensamento sobre a própria realidade, que passa a ser vista não mais como “[...] unidimensional, segundo o pensamento clássico afirmava, mas multidimensional” (MORAES, 2004, p. 29).

Ao se falar sobre mudança de foco em pesquisas que dizem respeito a essa integração científica entre natureza e ser humano, como acima expresso, nos deparamos com a mudança paradigmática da ciência. Por sua vez, cientistas sociais e até alguns das áreas das exatas começam a enxergar o mundo de uma forma diferenciada. Conforme apresentado por Teske (2011), o filósofo, sociólogo, cientista e antropólogo Edgar Morin é um dos que trabalham na desconstrução das teorias epistemológicas clássicas enfocando basicamente uma nova construção baseada na teoria da complexidade.

Luiz Beltrão, ao criar a teoria da Folkcomunicação também inova e, além de criar um novo termo na área da comunicação social, se destaca por conta de sua capacidade intelectual, e “[...] toda sua carreira foi marcada pela inovação, espírito de luta, responsabilidade e determinação” (GOBBI, In: HOHLFELDT; GOBBI, 2007, p. 16). Para Marques de Melo (2008, p. 25), Luiz Beltrão é um destaque no campo intelectual de nosso país como uma “figura paradigmática”, e isto significa que pode ser encarado como um dos pesquisadores que se enquadra perfeitamente na teoria da complexidade.

É importante ressaltar o significado do ponto de vista epistemológico do termo complexidade:

Complexidade é de origem latina, provém de *complectere*, cuja raiz *‘plectere’* significa trançar, enlaçar. Remete ao trabalho da construção de cestas que consiste em entrelaçar um círculo, unindo o princípio com o final de pequenos ramos. A presença do prefixo ‘com’ acrescenta o sentido da dualidade de dois elementos opostos que se enlaçam intimamente, mas sem anular sua dualidade. Por isso, a palavra *complectere* é utilizada tanto para designar o combate entre dois guerreiros, como o abraço apertado de dois amantes. Em francês, a palavra ‘complexo’ aparece no século XVI: vem do latim *complexus*, que significa ‘que abraça’, participio do verbo *complector*, que significa eu abraço, eu ligo. Por outro lado, esta última palavra aparece em espanhol por volta de 1250 e provém do latim *complexio* que significa amálgama ou conjunto (MORIN; CIURANA; MOTA, 2009, p. 43).

Segundo assevera Teske (2011), para estes autores, quando houver mais pessoas sendo preparadas para a mudança na percepção e construção do saber, os problemas fundamentais e globais em sua complexidade terão uma solução, em que as emoções, paixões alegrias, infelicidade,

crenças e esperanças serão percebidas, terão papel fundamental nesse processo, pois constituem a essência da existência humana.

Portanto, a Folkcomunicação, única teoria brasileira de comunicação, já adotada em vários países como um campo teórico-metodológico de pesquisa, criada por Luiz Beltrão, como resultado de sua tese de doutorado defendida na UnB, em 1967, passa a ser uma ferramenta na construção de um novo saber científico, nesta ótica de mudança paradigmática. O autor define a Folkcomunicação como “[...] o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

As pesquisas que venho realizando, demonstram que a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, apesar de pertencer a um grupo rural marginalizado e segregado, além de ser atingido pelos meios de comunicação de massa, consegue “[...] ressignificar continuamente suas manifestações culturais e mantêm uma relação dialógica com várias e diversas gerações” (TESKE, 2011, p. XL).

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, na área de etnociência, foi necessária ao longo destes anos uma permanência maior na área de observação, possibilitando, assim, que se estabelecessem relações de confiabilidade entre os sujeitos da pesquisa. Utilizando as etnociências ficam evidenciados conforme explana Fernandes (2007), os etnoconhecimentos, etnossaberes e as etnopráticas (re)conhecidos no campo (ou etnocampo) das etnociência pertencem a todas as civilizações, sociedades e comunidades ancestrais e tradicionais dos multipovos da humanidade.

Acompanhar de perto, de forma direta e presencial as manifestações culturais, foi fundamental para compreender a importância, os sentidos e significados entre os quilombolas destas celebrações. Isto possibilitou descobrir os processos folkcomunicacionais das manifestações culturais da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO.

A Lagoa da Pedra ocupa uma área total de 80 alqueires e está localizada no sudeste do estado do Tocantins, a 34 quilômetros da sede do município de Arraias e a 450 km de Palmas, capital do Estado. É formada por 34 famílias, totalizando 157 moradores. Foi a primeira das atuais 43 comunidades no Tocantins a obter a Certidão de Autorreconhecimento como quilombola, no dia 25 de agosto de 2004, pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura. Um dos destaques desta comunidade quilombola é a força da tradição oral, que tem a sua origem no ano de 1853. Apesar de ser uma comunidade que sofreu toda sorte de preconceito e discriminação, vivendo de

forma isolada, ela consegue preservar em seu meio tradições que a mantem unida e, ao mesmo tempo, vivencia as suas festas e manifestações de forma a envolver a sociedade circundante, demonstrando a sua força e identidade cultural.

A Folkcomunicação está presente em todo o processo comunicacional de suas manifestações culturais, pois ela é, conforme assevera Beltrão (1980, p. 28), “[...] por natureza e por estrutura, um processo artesanal e horizontal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência”.

Uma das manifestações culturais de cunho religioso que se destacam nesta comunidade, são as Novenas de maio denominada de Doce Coração de Maria ou Festa dos Solteiros.

Para se realizar esta pesquisa, utilizei do roteiro proposto por Marques de Melo (2008), composto por quatro elementos: a memória, o perfil, o conteúdo e as mediações.

1. Memória: tratou-se de registrar as manifestações culturais enquanto fato histórico. Através da entrevista oral, foi possível reconstituir a trajetória dos eventos, suas permanências e suas mutações;

2. Formato: tratou-se de descrever as manifestações culturais na sua estrutura, sua dinâmica social, seus agentes culturais e suas fontes de sustentação econômica;

3. Conteúdo: tratou-se de resgatar sua programação e suas manifestações explícitas e observar os significados no entorno social;

4. Mediações: observou-se se houve diferentes instituições intermediando e/ou controlando os agentes das manifestações culturais, seja de natureza ideológica ou econômica.

Segundo o autor da Folkcomunicação, Luiz Beltrão

A pesquisa em Folkcomunicação é, sempre, a procura do que é dito numa metalinguagem (oral, gráfica, musical, icônica ou cinética), na qual as maneiras de expressar-se, como os trópos (metáforas e metonímias), os recursos de construção (elipses, pleonasmos, reticências, sínquises e anáforas) e as figuras de pensamento (à semelhança dos paradoxos, antíteses, eufemismos, preterições, alusões e antífrases da comunicação verbal) devem ser rigorosamente examinados como partes importantes na decodificação do discurso como um todo (BELTRÃO, 2004, p. 94).

Com esta base teórica-metodológica da Folkcomunicação, foram realizados estes estudos empíricos sobre manifestações populares de devoção.

Doce Coração de Maria ou Festa dos Solteiros

Estas novenas, manifestação popular de devoção, ocorrem anualmente durante todo o mês de maio, e estão carregadas de simbolismo, possuem características peculiares e envolvem toda a comunidade quilombola, desde os recém-nascidos aos mais idosos. Além disso, é uma manifestação cultural que interage com toda sociedade circundante, tornando-se coparticipante. A responsabilidade da condução das atividades que envolvem essa manifestação é compartilhada entre solteiros e casados, entretanto, principalmente, dos solteiros. As novenas de maio, também, são denominadas, de Doce Coração de Maria ou Festa dos Solteiros.

Essa manifestação cultural quilombola da Lagoa da Pedra apresenta características religiosas e possui uma riqueza simbólica e fortemente marcada por um processo folkcomunicação de saber ambiental. O seu início sempre é no dia 1º de maio e o encerramento no final do mês. Todos os dias, sempre à noite, a comunidade se reúne para as ladainhas.

Essa manifestação cultural não é conduzida pelo padre, mas ocorre espontaneamente, conduzida pelos líderes da comunidade, que, em estudos de Folkcomunicação são denominados de líderes folk. São os que estão investidos de um poder local, como presidente da comunidade, que assume para si a responsabilidade de ser um mediador na manutenção da cultura e da união da comunidade, as professoras da escola, a educadora social, enfim, os que têm mais escolaridade, entretanto há alguns que não se enquadram nessa classificação e podem, também, ser considerados de líderes folk.

Estas manifestações religiosas nos remetem a questões como imaginário e tempos sagrados. Ao abordar o assunto sobre os tempos sagrados, Eliade (2008, p. 31) afirma que o desejo do homem religioso: “[...] de viver o sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão”.

Ainda conforme o mesmo autor, esse vivenciar o tempo sagrado passa a ser uma necessidade ao homem religioso e “[...] é o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana” (ELIADE, 2008, p. 79). Nessa perspectiva serão analisadas estas manifestações culturais da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.

Histórico desta manifestação popular religiosa

As novenas de maio e junho, dentro da comunidade, se originaram em 1964, por uma iniciativa de Maria Inácia Antonio de Farias e Silva, que, a partir dessa data, de forma ininterrupta, solteiros e casados celebram unidos, numa proposta de fé e comunhão, com organização e carregada de simbolismo. Entretanto, segundo ela mesma afirma e relembra, as rezas e novenas são rituais muito antigos, que vieram de seus antepassados, mas não ocorriam de forma organizada na comunidade:

Já rezavam, [...] minha mãe, meu pai, meus parentes já rezavam, [...] e por isso a gente aprendeu a rezá, porque se os pais e avós não rezassem, nós não sabia de nada. Minha mãe era rezadeira, e lá tinha muitas pessoa que rezava também. [...] Nós recebemos essa herança de nossos tataravós.

Nas palavras de Maria Inácia é possível perceber que havia, desde a implantação das novenas na Lagoa da Pedra, a intenção de unir o povo da própria comunidade e dos povoados vizinhos, tanto para rezar quanto para reunir e unir os laços de amizade entre eles. Por essa razão, havia a distribuição de bolos e café acompanhado de baile. Ela tinha a intenção de fazer com que as novenas não se tornassem algo entediante, mas que houvesse um atrativo.

Ninguém sabe informar ao certo, mas há muitos anos as novenas de maio e de junho constituem-se na identidade cultural da comunidade. Apesar destes momentos festivos de caráter religioso serem ressignificadas ao longo dos anos, eles não perderam a essência, que é reunir e unir a comunidade e a sociedade circundante co-participante. Não há reuniões formais ou comissões específicas para organizar esses eventos, nem convites impressos, não há a intenção de auferir lucros, entretanto se reúnem naturalmente, elaboram as novenas que transcorrem da seguinte forma:

Alvorada – Manifestação repleta de símbolos religiosos marca as celebrações

O ritual que adotaram não está estabelecido por nenhum manual eclesiástico e nem interno da comunidade, entretanto é conhecido de todos. Tudo inicia com uma alvorada e conforme estabelecido de forma espontânea, deve ocorrer em torno das quatro horas da manhã. O estouro dos primeiros foguetes ressoa em toda a Lagoa da Pedra, quebrando o seu silêncio habitual,

iluminando de uma forma diferente a noite estrelada e de lua minguante, anunciando o início da procissão da madrugada.

Enquanto os moradores se aproximam do ponto de partida, marcado na escola da comunidade, o seu presidente Ruimar Antonio de Farias coloca um CD de forró no mais alto som “é pra animar a turma”, diz. Ao acompanhar o evento é possível perceber que os foguetes e o forró que toca no aparelho de som antes do início da procissão, constituem-se parte integrante da manifestação religiosa. Tudo isso passa a ser uma unidade. Por essa razão tudo é levado muito a sério, inclusive, fazem um ensaio das músicas que irão cantar durante quase duas horas de procissão.

Há uma divisão de responsabilidades entre os líderes, para o início da procissão, entretanto de forma espontânea. Enfim, às quatro horas da manhã, inicia a procissão. Nesse momento, silêncio, acendem-se mais algumas velas que, segundo eles, além de símbolo de luz espiritual ajuda a iluminar o caminho pelo qual segue a procissão. Não carregam nenhuma imagem como é visto na maior parte das romarias.

Os rituais da fé - A Procissão

Em meio aos foguetes, inicia a romaria acompanhado de um violão tocado por um dos jovens. O caminho por onde seguem é iluminado de forma precária pelas velas e algumas lanternas. O grupo canta sem intervalo, mesmo no trecho onde não há moradores entre uma e outra casa. Entretanto, eles têm consciência de que o som irá se propagar no silêncio da madrugada. Diferentemente da Folia de Reis, em que os moradores das casas abrem as portas para que os foliões entrem e confraternizem, na alvorada da Novena Doce Coração de Maria as portas e janelas permanecem fechadas, os moradores deitados ouvindo a cantoria. Apenas saem aqueles que quiserem acompanhar a procissão, fig. 01.

Figura 01 – A procissão



Fonte: Fotógrafo Adilvan Nogueira, 1/5/2008.

O significado para cada um dos moradores deste momento é carregado de simbolismo, conforme Rosalina Francisco Machado, que, impedida de acompanhar o grupo, por sofrer com problema de varizes nas pernas disse no dia seguinte: “não pude ir porque a estrada não tá muito boa, mas fiquei ouvindo a cantoria e me deu aquela emoção”. Para ela, esse é um momento para agradecer a Deus por tudo, “pela saúde, pela caminhada, pela chuva, pelo que a gente ganha, o pão de cada dia, né! Pela água que a gente tem pra beber e pra que Deus não deixe faltar. Então a gente agradece por todos”, concluiu.

As Flores

A crista de galo, flor da região, e pétalas de rosas colhidas na noite anterior são espalhadas desde a entrada do pátio até a porta da casa, especialmente, nos degraus, Fig. 02. Thuíza, oito anos, espalha as pétalas com muita destreza e alegria.

Figura 02 – Espalhando as flores



Fonte: Fotógrafo Adilvan Nogueira, 1/5/2008.

Na medida em que segue a caminhada, os cachorros latem ao redor das casas como que avisando aos seus donos que algo diferente está acontecendo. Lá da frente, ouve-se uma das mulheres no intervalo entre uma música e outra: “Cadê a voz dos homens?” A procissão segue em meio à escuridão da madrugada. Mais flores são espalhadas. O grupo vai aumentando na medida em que vai passando pelas casas. Após uma hora de romaria, um pouco mais de trinta pessoas forma o grupo. Apenas as casas de três famílias da Assembleia de Deus e as que ficam mais distantes e de difícil acesso não são visitadas. Alegam que não visitam e nem espalham flores nas casas dos evangélicos em sinal de respeito, para que não se sintam ofendidos. Entretanto, Neres Francisco Machado, um dos moradores que, na infância e juventude sempre acompanhara os “festejos” tradicionais da comunidade, sendo, inclusive festeiro e que atualmente frequenta a Assembleia de Deus, diz que não teria nada contra se os romeiros jogassem flores em frente à sua porta e no caminho de sua casa.

Mesmo não sabendo a origem da prática de espalhar as flores, são unânimes em afirmar que o gesto simboliza a paz e o início de uma festa. “Assim estamos dando as boas vindas para o mês de oração, como se fosse uma bênção para cada residência”, disse Ruimar Antonio de Farias. As flores que produzem nos arredores de suas casas, ao serem colhidas para esse fim específico, passam a ter uma carga simbólica muito forte tanto para os romeiros quanto para os moradores que estão em suas casas.

Simbolismo dos Hinos

Um dos hinos, especial pelo sentido da letra é cantado por todos. A voz de Jáder, um menino dez anos, se destaca. Está na fila da frente, ao lado da mãe, segurando uma vela para iluminar a folha de papel com alguns hinos. Em meio à poeira branca que se levanta, na subida e descida de uma das ladeiras do trajeto, ouve-se: “Levantei cedo e juntei a boiada, a fé no terço e os pés no chão. Meu velho ferro cantou na estrada e o pó vermelho levantou do chão. Num passo lento saiu a jornada, pra romaria da devoção. Romeiro que caminha, sou devoto do Senhor, caminhando pra Terra Santa, Lagoa da Pedra da fé e do amor”. O objetivo desta manifestação popular é única e exclusivamente voltada para reacender a fé e a união.

Os fogos de artifício como meio de comunicação e simbolismo

Os fogos, ou foguetes como denominam, tem um caráter simbólico de comunicação, tanto interna na comunidade quanto externa, com os povoados vizinhos. Os fogos marcam o início do evento e vão demarcando o trajeto por onde estão passando, pois de tempos em tempos, durante a procissão, vão soltando os fogos e os moradores vão identificando mentalmente a localização do grupo. Da mesma forma, o grupo presta atenção nos fogos que provém da Canabrava, distante três quilômetros, onde também está ocorrendo a alvorada da romaria de lá. Estabelece-se uma disputa velada entre as comunidades, o que representa, na realidade, uma demarcação de espaço e de um anunciar a todos a sua existência e identidade cultural.

Final da romaria

Após quase duas horas, a romaria vai chegando ao fim. O dia clareia lentamente e o horizonte vai mudando de cor. Os galos misturam seu canto com o dos romeiros e o som do violão. Quando os primeiros raios de sol iluminam a Lagoa da Pedra, retornam ao pátio da escola. Nesse ambiente do amanhecer, às seis horas da manhã, em uma ligação íntima com a natureza reúnem-se na sala de aula para recitar as ladainhas e dar os recados finais. Encerram este momento com um “café compartilhado”: café preto, chá de lima e enroladinhos, espécie de bolo feito com polvilho.

Lista de nomes dos noveneiros

Uma das peculiaridades dessa celebração é a montagem de uma lista com o nome dos noveneiros. Para cada dia são escolhidos duplas sempre respeitando a questão de gênero, ou seja, um do sexo masculino e outro feminino conforme explicado por Ruimar Antonio de Farias: “A gente faz uma relação de todas as pessoas da comunidade, dos recém-nascidos ao mais velho solteiro, sempre formando um par. Até o idoso que não foi casado, entra nessa lista”.

Os noveneiros são os responsáveis para providenciar as velas e os fogos para as novenas no dia em que foram escalados. Quando se trata de crianças pequenas essa tarefa cabe aos pais. A elaboração e montagem da lista ficam por conta de algumas jovens da comunidade que a montam um dia antes de iniciar as novenas. Essa lista é afixada na porta da Escola e é um ponto de atração para todos os que chegam para as novenas, Fig. 03.

Figura 03 – Lista dos noveneiros da Festa dos Solteiros



Fonte: Fotógrafo Adilvan Nogueira, 1/5/2008.

A lista não é um papel qualquer, pois simboliza a ligação e a união com todos os membros das famílias, inclusive os que saíram para morar em outros lugares. Todos se comunicam para saber qual o dia em que serão os noveneiros. Diz Rosalina Francisco Machado: “Querem saber quem é o par. Eles cobram e dizem, vá rezar pra mim. Esse momento ajuda a crescer a união”. Ruimar Antonio de Farias acrescenta: “É uma maneira de manter a ligação com quem está fora daqui”. A lista de nomes confeccionada por um grupo de jovens tem um caráter simbólico extraordinário. Familiares que residem fora da comunidade, por terem saído, alguns há muitos anos, ligam para a comunidade e querem saber para qual dia foram escalados, não raras vezes enviam dinheiro para compra de velas, fogos ou para auxiliar na confraternização do encerramento das novenas além de solicitar orações e pedidos específicos.

A lista de nomes demarca um momento de união com todos aqueles que nasceram na comunidade e, em vários casos, constituíram família em outras cidades, mas são considerados quilombolas. Cada nome que consta na lista e seu par é motivo de comentários nas rodas de conversa das famílias, durante os sessenta dias de novenas. Percebe-se através desse gesto que a Lagoa da Pedra é uma comunidade bem maior sob o ponto de vista identitário e cultural. A lista manuscrita com contava com 158 nomes de solteiros. Para montá-la, colaram 15 folhas de ofício, tipo A4, três folhas coladas lado a lado e cinco de cima para baixo.

A novena de abertura

Às 19h30, inicia a novena na sala de aula da escola. São novamente os líderes que orientam, acompanham a organização do ambiente, anunciam o início e assumem a condução das ladinhas. O presidente da comunidade, Ruimar Antonio de Farias saudou aos presentes dizendo: “Que o Doce

Coração de Maria abençoe a todos os que vieram. Que todos sejam abençoados”. Todos se põe em pé em sinal de reverência e sentam-se em seguida. São jovens, crianças participando dos cantos e recitações. Alguns cantavam de forma desafinada, já outros bem afinados, contudo, isso não importa, pois querem participar. No quadro verde da sala de aula estava escrito: Que o Doce Coração de Maria abençoe a cada família, dando-lhe muita saúde, paz e fé. Amém!

Mesmo sem entender o que estão recitando, rezam em latim, pois isso é herança das pessoas mais velhas. Essas rezas em latim são comuns também em outros eventos, como por exemplo, na Roda de São Gonçalo.

Na porta de entrada da sala de aula está a lista com todos os noveneiros solteiros do mês de maio. Todos olham e querem encontrar os seus nomes e dos parentes que moram em outras cidades.

Esse ritual se repetirá em todos os dias com pequenas variações. Durante os dias da semana muitos jovens não participam, pois têm aula à noite, especialmente os que cursam o Ensino Médio. Um fator que começa a interferir, de certa forma, na programação das novenas é a televisão. Há poucos anos, não havia essa interferência, entretanto, com a chegada da energia elétrica, as famílias aos poucos adquirem aparelhos de TV e conseqüentemente as novelas atraem a atenção de muitos, como ocorreu no segundo dia das novenas. Enquanto grande parte dos participantes já estava reunida na sala de aula para o início das ladainhas, as jovens Valcilene Dias Pereira e Laudeci Ribeiro Dias estavam sentadas em frente à TV assistindo o último capítulo da novela Desejo Proibido da Rede Globo e ao serem convidadas para participar do evento religioso responderam: “To indo, to indo” e, logo em seguida, se dirigiram para a escola. Para Maria Inácia Antonio de Farias e Silva, a programação televisiva pode atrapalhar, mas a manutenção das manifestações culturais depende muito mais do interesse das próprias pessoas.

Conclusões

Neste estudo empírico de uma das manifestações populares de devoção, as Novenas de Maio ou Doce Coração de Maria, que ocorrem anualmente na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, comprovam e reforçam o que o autor da teoria da Folkcomunicação argumentou no seu nascedouro que ela:

[...] preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia (BELTRÃO, 1980, p.26).

Desta forma, é possível entender e penetrar no cerne do significado das mensagens através das manifestações culturais, que se constituem em verdadeiros canais de comunicação pelos quais a comunidade quilombola afirma e reafirma a sua própria identidade.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.
- _____. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- CASTRO, Elza Maria Neffa Vieira de. Pioneirismo e Integração em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Extensão Universitária/Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. – Vol. 1, n. 1 (2003). Rio de Janeiro : UFRJ : UNIRIO, 2003.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FERNANDES, Carlos. **Etnociências**. Recanto das Letras. 25/12/2007. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/791494>>. Acesso em: 01 ago. 2016.
- GAWORA, Dieter. O redescobrimto das comunidades. In: **Povos e Comunidades Tradicionais: contribuições para outro desenvolvimento**. Montes Claros: Unimontes, 2016.
- GOBBI, Maria Cristina. HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (orgs). Contribuições brasileiras para os estudos comunicacionais. In: **Teoria da Comunicação: Antologia de Pesquisadores Brasileiros**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 13-21.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 6 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 145-171.
- LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento Eco-sistêmico: Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. Prefácio. In: MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro incerteza humana.** 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2009.

SACHS, Ignacy. Sociedade, Cultura e Meio Ambiente. **Mundo & Vida** vol. 2 (1) 2000. Disponível em: <[http://www.uff.br/cienciaambiental/mv/mv1/MV1\(1-2\)07-13.pdf](http://www.uff.br/cienciaambiental/mv/mv1/MV1(1-2)07-13.pdf)>. Acesso em: 01 ago. 2016.

TESKE, Wolfgang. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO.** 2ª. reimp. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

Artigo recebido em: 01/08/2016

Aceito em: 26/09/2016